

Apresentação

Esta edição da **Revista NÓS** está sendo preparada no momento em que o Brasil e grande parte do mundo está enfrentando a pandemia de Covid-19, obrigando os editores a trabalhar no sistema *home working* para finalizar os trabalhos editoriais. Evidentemente, que uma Revista voltada para os estudos Culturais, Estéticos e Linguísticos não tem muito a oferecer para adoção de medidas profiláticas que atenuem o efeito da doença. É hora de deixar os epidemiologistas e outros profissionais correlatos executarem os seus trabalhos.

Contudo, os artigos da **Revista NÓS** podem oferecer saudáveis momentos de evasão da angústia que a situação presente provoca, por meio de uma reflexão sobre a Cultura, a Estética e a Linguagem. Até por que mesmo em momentos aterrorizantes como estes não deixa de haver uma guerra de linguagens, uma luta de representações entre posicionamentos diferentes: um vírus mortal ou uma gripezinha insignificante? Uma leitura linguística da epidemia por meio das narrativas que ela suscita pode ajudar a nos posicionar nessa guerra e tomar decisões: ficar na trincheira-da-quarentena ou expor a vida a um projétil invisível?

Independente das posições-de-sujeito que assumimos diante dessas diferentes narrativas, o que o estudo das Culturas, das Estéticas e das Linguagens nos ajuda a perceber é a urgente necessidade de um maior reconhecimento da alteridade cultural. O ser humano é plural, por isso produz uma pluralidade de culturas e “não se há de excluir uma, por não ser igual às outras. A monotonia é a morte. A vida está na variedade”, como diria Machado de Assis.

Então, façamos um voo panorâmico sobre a Revista!

Esta edição da **Revista Nós** apresenta o **Dossiê Mulheres no mundo da estética, da cultura e do trabalho**, que vem a propósito do Dia Internacional da Mulher, 08 de março. Todavia, o Dossiê não pretende ser uma homenagem, mas sim o cumprimento de um dever. O dever de lutar pela igualdade entre os gêneros, que não é uma causa exclusivamente feminina/feminista ou homossexual, é uma causa humana-civilizacional. Não há mais espaço para tergiversações: ou reconhecemos a igualdade entre os gêneros ou assumimos nossa bestialidade, pegamos nossos tacapes e voltamos para as cavernas.

Assim, o **Dossiê Mulheres no mundo da estética, da cultura e do trabalho** reúne artigos que abordam a atuação e a representação das mulheres na produção estética, nas práticas religiosas, no mundo do trabalho, nas narrativas literárias, historiográficas e imagéticas. Não pretendemos, com este Dossiê, fazer uma abordagem típica dos estudos de gêneros, mas tão somente ver a mulher como protagonista e objeto da criação estética ou das práticas culturais. Por uma feliz coincidência (religiosos, leiam providência), havia nos arquivos da **Revista Nós** alguns artigos, três ou quatro, que possuíam temáticas que de alguma forma abordavam as mulheres. Então, com a chamada para o Dossiê, outros trabalhos – artigos e resenhas – apareceram.

A mesma coincidência que provocou a criação do **Dossiê** trouxe a arte de Rosy Cardoso para **NÓS**. Se tivéssemos encomendado um trabalho artístico para expressar sua temática, não teríamos tido a felicidade de conseguir uma representação tão condicente. Portadora de uma sensibilidade que transborda, que inunda a retina e o coração, Rosy Cardoso se define como “uma artista que em seu atelier desafia o exercício da criação convivendo com a arte e na literatura cumplicia com as palavras a vivência nos textos”. Analisando o conjunto pictórico de Rosy publicado nesta edição, Rondineli Linhares afirma que “a artista faz uso de linhas precisas e curvas arredondadas que sugerem sensualidade e conferem alma aos corpos retratados. Com ou sem feições, as personagens de Rosy muitas vezes habitam o espaço das telas no limite, vivem um tensionamento entre fundo e figura, entre forma e abstração”. Dizer mais é restringir as interpretações; não é isso que queremos: para **NÓS**, a riqueza e a beleza da arte e de tudo que nos cerca estão na pluralidade de interpretações que possibilitam.

Diferente da formatação predominante nas Revistas Científicas que deixam as entrevistas para a parte final, nesta edição decidimos abrir o Dossiê com a entrevista com a poeta e estudiosa da literatura Fernanda Marra. Quando ela diz que “acredito que

existem tantas coisas quantas conseguirmos criar e acredito que nomear é um gesto de criação” ela bem poderia estar se referindo a este Dossiê: os artigos provavelmente iriam ser publicados de qualquer forma, mas agora, num ato de criação linguísticas, fazem parte de um Dossiê, reforçando-se um nos outros e ganhando uma identidade e propósito para além do que foi pensado por seus autores.

Tendo em vista a evasão da angústia a que nos referimos e convictos de que as fronteiras entre as artes e as ciências são porosas e que a contribuição entre ambas é recíproca, após a entrevista da poeta, a **Revista NÓS** tem a honra de apresentar ao público um conto inédito da escritora goiana Maria Helena Chein. Um conto que cheira a Goiás e tem como cenário o rio Araguaia e o como protagonista também: porque ele encanta, seduz, trai e mata. A linguagem escolhida por Chein é fluida como o rio e a leitura desliza na correnteza do enredo da mesma forma que no conto “as águas que se afastavam para o barco passar”. Dizer mais é roubar do leitor o prazer de pescar novas emoções ao navegar no rio das letras.

Em seguida temos o nada-convencional artigo “Linhas de (Re)Criação: entre trajetórias cantadas e o Canto Ritual do Mará Akame”, de Patrícia Guzmán e Elderson Melo, que constrói, passo-a-passo, a composição criativa de uma artista, mostrando como uma expressão cultural de matiz indígena é vivida, vista, sentida e pensada. A assunção de uma subjetividade, oblitera outra, criando uma dúvida com relação ao sujeito que fala. Todavia, isso não é um defeito, é uma escolha consciente, teoricamente alicerçada. Teoricamente alicerçada também é a opção de “pesquisar e intervir” ao mesmo tempo, abolindo as fronteiras entre “conhecer e fazer”. Tais opções causam um certo estranhamento naqueles que estão acostumados com a clássica versão cartesiana de ciência ou, para ser mais coerente com o artigo, com a versão colonizadora de ciência. Todavia, as interfaces possibilitadas pelo artigo se enraízam em múltiplas direções (ou dimensões): do canto religioso à contestação política, da procura do sagrado à construção do conhecimento, num feliz encontro entre a cultura tradicional e a estética contemporânea.

O próximo artigo igualmente transita entre a arte e a espiritualidade. Escrito por Pepita Afiune e José Loures, o artigo “O Tarô de Brasília: entre espiritualismos e a sensibilidade de Marlene Godoy” analisa como uma mulher – Marlene de Godoy – oferece “uma interpretação mística [...] sobre aspectos da História de Brasília” (num

determinado momento sócio-histórico) ao produzir um conjunto de obras de arte intitulado “O Tarô de Brasília”. O artigo demonstra de que forma os acontecimentos históricos podem ser assimilados por diferentes saberes, inclusive podendo se prestar a uma belíssima leitura por meio das cartas de tarô. O artigo nos ajuda a perceber como as representações produzidas pelas artes plásticas, pela literatura, entre outras, carregam concepções de mundo, interpretações da realidade ou possibilidades de futuro. Assim, torcemos para que os Arcanos nos deem esperanças para suportar o momento atual.

Depois, temos o artigo “Sexo, política e cultura em A Fonte das Mulheres”, de Talissa Coelho e José Fábio. O artigo tem como objeto o belíssimo e engraçado filme do cineasta romeno Radu Mihaileanu, lançado em 2001. O artigo demonstra que, numa releitura da tragédia grega Lisístrata, o filme mostra a maneira criativa que as mulheres de uma fictícia vila islâmica encontraram para lutar por seus direitos. A lição do artigo é que seja na Grécia ou em Marrakech, Pequim ou São Paulo, as mulheres, em muitos casos, conseguem sensibilizar os homens para um maior respeito por sua condição.

Apresentamos ainda, na sequência, o artigo escrito, ou melhor, modelado por Amanda Milanez Fenerick. “‘Tem como copiar esse vestido?’: Costureiras, modistas hollywoodianas e lojas de tecidos em Anápolis” trata da quase inacreditável história da presença de artistas hollywoodianos fazendo e influenciando a moda e o modo de viver no interior do Brasil (Anápolis/GO), em meados do século 20. Muito bem costurado, o artigo se desenvolve assim como desenrolamos a linha de um carretel: sem dificuldades. Isso acontece porque o texto é tecido com quatro tipos de “fios”: 1) os fios da argumentação clara e convincente (que Ginzburg denomina: retórica); 2) os fios das provas, que no caso são substanciais e múltiplas; 3) os fios da teoria (conceitos precisos e pertinentes) que ajudam a modelar o pensamento; 4) os fios do método que possibilitam capturar o objeto de estudo. Além das metáforas relacionados à moda – que deixam evidente que Fenerick conhece o tema do lado direito e do avesso – há ainda a apresentação de hipóteses que nos ajudam a compreender, porque fazem sentido e completam as lacunas que a documentação é incapaz de cobrir, pois são escassas, como eram escassos os espaços destinados à mulher naquela época (assunto também abordado no artigo). Tudo isso exposto numa linguagem simples, e por isso mesmo sublime, para **NÓS**.

O artigo “O Monumento aos Pracinhas em Anápolis (GO): Entre a Barbárie e o Heroísmo”, de Rafael Faria e de Eliézer Cardoso, analisa o monumento construído em Anápolis para homenagear os soldados goianos que participaram das batalhas da Segunda Guerra Mundial. Rafael parte do pressuposto que esse tipo de monumento se presta a uma leitura ufanista, reforçando as intenções de ideologias autoritárias de incentivar o patriotismo e o nacionalismo, mas também pode prestar-se a uma outra leitura, mais subversiva, como a proposta por Walter Benjamim de recuperar o silêncio daqueles que foram afetados pela brutalidade da guerra. Embora o artigo não aborde esse assunto, nós podemos imaginar o quanto as mulheres – as mães, as esposas, as irmãs, as noivas, as namoradas, as amigas – sofreram enquanto os varões estavam lutando na Itália. Se os militares tivessem sensibilidade para isso, talvez existisse, em algum rincão desta vasta terra deixada por Deus, um “monumento a mãe ou a esposa do soldado conhecido” que não retornou para a casa. Elas merecem!

Já o artigo escrito por Joelma Xavier e Robson Gomes Filho, “Protestantismo versus Catolicismo: o conflito religioso e a fundação da cidade de Cristianópolis”, analisa o tumultuado advento do protestantismo em Goiás. Hoje, o estado está entre os com maior proporção de protestantes no Brasil, mas a propagação da nova fé enfrentou muitas dificuldades, principalmente por causa da resistência católica, tendo na linha de frente, os padres redentoristas que residiam em Campinas. O cenário descrito no artigo lembra o das guerras religiosas europeias do século XVI: queima de bíblias, iconoclastia, ameaças de agressão física, êxodo religioso. O conflito de natureza religiosa resultou no surgimento de Gameleira, um povoado protestante, que foi a base formativa da atual cidade de Cristianópolis. Difícil ler o artigo e não se sentir pesaroso com alguns atuais movimentos religiosos que advogam a aproximação entre religião e estado. Que as fogueiras do fanatismo e da intolerância religiosa não se ascendam jamais.

Temos ainda, fechando essa seção, o artigo “O inferno de Sartre: o drama da relação do *eu* com o *outro* na obra *Entre Quatro Paredes*”, de Tobias Dias Goulão, que apresenta uma perspectiva menos corrente da célebre peça teatral “Entre quatro paredes”, de Jean-Paul Sartre. O autor procura desconstruir algumas interpretações sobre a obra, defendendo a ideia de que o inferno seria a pessoa em si e não o outro. Embora recorra muito pouco à obra sartreana, as escolhas teóricas de Tobias Goulão ajudam a sustentar o seu argumento. Em resumo, temos uma visão oriunda da tradição judaico-cristã – na qual os pecados são matéria

de punição individual – aplicada como recurso interpretativo das situações desenvolvidas no inferno imaginado por Sartre.

O Ensaio “A Via Sacra: Historicidade e Demarcações de uma Narrativa Épica”, escrito por Renata Cristina de Sousa Nascimento traça de modo claro e singelo – talvez inspirada pela essência do cristianismo primitivo – o surgimento e o desenvolvimento de uma tradição cristã: as representações da Via Dolorosa ou *Via-Crucis*. Com a precisão e a profundidade que só os verdadeiros especialistas possuem, Renata Cristina aponta os momentos cruciais e os personagens principais que, ao longo dos séculos, contribuíram para instituição dessa tradição que tem o poder de fazer pensar e sentir.

Por fim, na seção Resenha, temos uma de autoria de Isadora Alencar e de Sarah Cabral sobre o polêmico livro de Fernanda Young: *Pós-F: Para além do masculino e feminino*. Originalmente, a resenha não teve o propósito de ser uma homenagem a Young, mas acabou se tornando, tendo em vista sua morte. Ao deixar claro que Young não é unanimidade no movimento feminista, ou melhor, nos movimentos feministas, a resenha chama atenção para aquilo que talvez seja a ideia central do livro: a relação assédio sexual – ignorância (falta de educação). De acordo com as autoras, no último capítulo Young “oferece a hipótese de um mundo pós-feminismo, em que a ignorância [...] seja extinta” [...] não sendo mais necessário usar o feminismo como escudo”. De fato polêmico, primeiro por vislumbrar a extinção da ignorância e segundo por desconsiderar que as lutas por emancipação só têm começo, jamais têm fim.

Fechando essa apresentação, gostaríamos de agradecer oficialmente a imprescindível colaboração prestada por Arnaldo Salustiano no complexo processo de produção da **Revista Nós** até o volume anterior. Por razões de força maiores, Arnaldo teve que deixar a equipe editorial, mas não podemos deixar de reconhecer sua enorme importância na criação e consolidação da **Revista Nós**. Muito de sua “cara” e “coragem” só foi possível graças aos conhecimentos técnicos e sugestões estéticas de Arnaldo. Nosso muito obrigado e, esperamos, um até breve.

Sem mais, vamos à Revista!

